

MANIFESTAÇÕES DO BUDISMO JAPONÊS EM SÃO PAULO

Tradição, memória e arquitetura

Vinicius Lima Oliveira

Mestrando; Universidade de São Paulo | viniciuslimao@usp.br

Andrea Buchidid Loewen

Professora doutora; Universidade de São Paulo | andrealoewen@usp.br

EIXO TEMÁTICO: (3) História, Memória e Patrimônio

Resumo: No Budismo, a edificação de templos é considerada um ato de elevado mérito espiritual, pois integra o simbolismo religioso, a expressão cultural e técnicas construtivas tradicionais. Assim, com a chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil, a partir de 1908, seria de se esperar que tais construções fossem erigidas. Entretanto, instalados inicialmente nas fazendas de café e, posteriormente, em colônias agrícolas no interior do estado de São Paulo, os japoneses não edificaram templos formais até a década de 1950, devido a uma série de fatores entre os quais se destacam questões políticas, orientações do governo japonês e certas dificuldades de adaptação e integração com a nova terra. Nesse interregno, as práticas budistas se mantiveram em caráter privado, geralmente doméstico, centradas no culto aos antepassados e em rituais funerários, frequentemente apoiadas em materiais improvisados que de algum modo evocavam a tradição japonesa. Em 1934, na colônia Hirano — atual Cafelândia (SP) —, foi fundado um primeiro núcleo de culto, considerado como experiência precursora à edificação dos templos budistas no Brasil. A partir daí, foram construídas outras edificações no interior paulista, todas provisórias e adaptadas ao contexto local, mas preservando valores simbólicos e culturais. O artigo, baseado em revisões bibliográficas, levantamentos documentais e iconográficos, em conjunto com entrevistas semiestruturadas, se dedica à análise dessas edificações e manifestações ligadas às práticas religiosas do Budismo japonês no Brasil no século XX, e tem por objetivo demarcar o contexto e buscar compreender como foram forjadas essas primeiras edificações vernáculas pelos imigrantes e qual a repercussão delas na construção dos primeiros templos institucionalizados.

Palavras-chave: Budismo japonês; práticas religiosas; arquitetura vernacular; imigração japonesa; São Paulo.

MANIFESTATIONS OF JAPANESE BUDDHISM IN SÃO PAULO: TRADITION, MEMORY AND ARCHITECTURE

Abstract: In Buddhism, the construction of temples is considered an act of high spiritual merit, as it integrates religious symbolism, cultural expression, and traditional construction techniques. Thus, with the arrival of Japanese immigrants in Brazil, starting in 1908, it would be expected that such buildings would be erected. However, initially settled on coffee farms and later in agricultural colonies in the interior of the state of São Paulo, the Japanese did not build formal temples until the 1950s, due to a series of factors, including political issues, directives from the Japanese government, and certain difficulties in adapting and integrating into the new land. During this period, Buddhist practices remained private, generally domestic, centered on ancestor worship and funerary rituals, often supported by improvised materials that somehow evoked Japanese tradition. In 1934, in the Hirano colony—present-day Cafelândia (SP)—a first religious center was founded, considered a precursor to the construction of Buddhist temples in Brazil. From then on, other buildings were constructed in the interior of São Paulo state, all temporary and adapted to the local context, but preserving symbolic and cultural values. This article, based on bibliographic reviews, documentary and iconographic surveys, along with semi-structured interviews, is dedicated to the analysis of these buildings and manifestations linked to the religious practices of Japanese Buddhism in Brazil in the 20th century. Its objective is to delineate the context and seek to understand how these first vernacular buildings were forged by immigrants and what their impact was on the construction of the first institutionalized temples.

Keywords: Japanese Buddhism; religious practices; vernacular architecture; Japanese immigration; São Paulo.

MANIFESTACIONES DEL BUDISMO JAPONÉS EN SÃO PAULO: TRADICIÓN, MEMORIA Y ARQUITECTURA

Resumen: En el Budismo, la construcción de templos se considera un acto de gran mérito espiritual, ya que integra simbolismo religioso, expresión cultural y técnicas de construcción tradicionales. Por ello, con la llegada de inmigrantes japoneses a Brasil, a partir de 1908, era de esperar que se levantarán tales construcciones. Sin embargo, inicialmente asentados en plantaciones de café y posteriormente en colonias agrícolas del interior del estado de São Paulo, los japoneses no construyeron templos formales hasta la década de 1950, debido a una serie de factores, como problemas políticos, directivas del gobierno japonés y ciertas dificultades para adaptarse e integrarse en el nuevo territorio. Durante este período, las prácticas budistas se mantuvieron privadas, generalmente domésticas, centradas en el culto a los antepasados y los rituales funerarios, a menudo respaldadas por materiales improvisados que evocaban la tradición japonesa. En 1934, en la colonia Hirano —actual Cafelândia (SP)— se fundó un primer centro religioso, considerado precursor de la construcción de templos budistas en Brasil. A partir de entonces, se construyeron otras edificaciones en el interior del estado de São Paulo, todas temporales y adaptadas al contexto local, pero preservando valores simbólicos y culturales. Este artículo, basado en revisiones bibliográficas, estudios documentales e iconográficos, junto con entrevistas semiestructuradas, se dedica al análisis de estas edificaciones y manifestaciones vinculadas a las prácticas religiosas del Budismo japonés en Brasil durante el siglo XX. Su objetivo es delinear el contexto y comprender cómo estas primeras edificaciones vernáculas fueron forjadas por los inmigrantes y cuál fue su impacto en la construcción de los primeros templos institucionalizados.

Palabras clave: Budismo japonés; prácticas religiosas; arquitectura vernácula; inmigración japonesa; São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

Arquitetura popular é definida por Günter Weimer (2012, p. XL) como aquela praticada pela camada intermediária da sociedade, distante das práticas eruditas das camadas mais altas. Conhecida como “arquitetura sem arquiteto”, Carlos Lemos (2014) define essas construções como vernáculas, por expressar um trabalho constituído e consumido pela própria comunidade.

Comumente associadas a edificações habitacionais ou religiosas (Weimer, 2012), as arquiteturas vernaculares introduzidas pelos imigrantes demonstram grande importância sobre as edificações erigidas pela camada popular da sociedade brasileira, moldando o modo de habitar e de propagar sua fé. No entanto, é notável a incipiência de estudos sobre a colaboração de arquiteturas migratórias mais recentes e, conseqüentemente, de religiões não católicas, como o caso dos japoneses.

Apesar da recente introdução no Brasil, a arquitetura japonesa já se mostra presente e expressiva no estado de São Paulo, formando a maior comunidade Nikkei¹ e o maior “bairro Japonês” do mundo. Ainda assim, seus estudos avançam lentamente, havendo poucos trabalhos que tratem da introdução e reconfiguração de edificações tradicionais ou populares japonesas no estado. As maiores colaborações são de Akemi Hijioka (2016), Rogério Bessa Gonçalves (2003), Flávia Brito do Nascimento e Simone Scifoni (2016) que pesquisaram o patrimônio nipônico em São Paulo, investigando influências da arquitetura tradicional do Japão, suas técnicas construtivas e devidas adaptações ao cenário brasileiro, incluindo arquiteturas residenciais, institucionais e católicas.

Contudo, ainda há uma lacuna no que se refere ao estudo de edificações religiosas tradicionais japonesas, principalmente de templos budistas, que carregam consigo uma expressão peculiar da fusão entre técnicas construtivas, simbolismo religioso e adaptação cultural. Feita pelas mãos dos próprios Nikkei, as práticas budistas se iniciaram no país por meio de manifestações domésticas e funerárias, evoluindo, num segundo momento, para a ereção de edifícios vernaculares, até a institucionalização do Budismo e a afirmação de uma arquitetura propriamente dita.

O presente trabalho se dedica a demarcar o contexto no qual se deu esse processo e a buscar compreender como foram forjadas essas primeiras edificações vernáculas pelos imigrantes, de modo a permitir a compreensão de qual tenha sido repercussão das mesmas na construção dos primeiros templos institucionalizados no estado de São Paulo no século XX. A metodologia adotada se apoia em revisões bibliográficas, levantamentos documentais e iconográficos, em conjunto com entrevistas semiestruturadas com líderes religiosos de templos da capital paulista.

¹ Japoneses que vivem fora do Japão e seus descendentes.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

A introdução de japoneses para reforçar a mão-de-obra na produção cafeeira no estado de São Paulo apresentou resistências, havendo rumores vindos do exterior sobre os riscos que seriam enfrentados em virtude da suposta dificuldade de assimilação e pela política expansionista do Japão. Este fenômeno ficou conhecido na época como “perigo amarelo” (Harada, 2023, p. 78), promovendo a disseminação de argumentos xenofóbicos e racistas, sem fundamentos concretos, que dificultariam as posteriores relações entre japoneses e brasileiros e estigmatizariam os imigrantes.

Contudo, as dificuldades envolvidas na fixação dos imigrantes europeus e o retorno de muitos destes para seu país de origem alarmou o governo brasileiro, que, sem escolhas, liberou a vinda de japoneses para o trabalho nas fazendas de café (Yoshioka, 2023, p. 53). Foi assim que a imigração japonesa se iniciou em 1908, com o desembarque de 781 japoneses no porto de Santos.

A primeira leva migratória para as fazendas foi considerada um fracasso, resultando em fugas dos colonos durante a noite na maioria das propriedades. O trabalho exaustivo, que não lhes permitia a manutenção de suas tradições, e o pouco lucro aferido, que não possibilitava a volta para o Japão, foram os maiores incentivadores para tal ato, mudando os rumos dos imigrantes que se tornaram, a partir de então, arrendatários, meeiros, empreiteiros ou, ainda, sitiantes, mediante a compra de terras das próprias fazendas de café (Handa, 1987).

A possibilidade de ter sua própria terra, usufruindo de sua própria liberdade, fez com que os Nikkei fundassem nos campos inexplorados do interior paulista seus núcleos coloniais. Os primeiros povoamentos se deram perto das estradas de ferro e, no início, ainda em época de exploração e queima da mata virgem, os imigrantes construíram barracões (Figura 1), edificações vernaculares que serviam como moradia provisória da família, até o período das primeiras colheitas. Tomoo Handa descreve em seu livro como seriam essas primeiras construções:

As primeiras moradias eram as chamadas casas de pau-a-pique, em que as paredes eram feitas de madeira ou de troncos de coqueiro partidos ao meio e com a parte da casca voltada para dentro. De qualquer forma, bastava fincar a madeira ou os troncos no solo, e em geral não se rebocava. [...] Na cobertura da casa não eram utilizadas telhas, mas troncos de coqueiro, partidos ao meio, que depois tinham sua parte central cavada e eram encaixados alternadamente, como se fossem longas telhas (Handa, 1987, p. 229).

A utilização do termo “pau-a-pique” na obra de Handa é contraditória, uma vez que a técnica construtiva é popularmente conhecida e descrita por manuais e órgãos oficiais, como o Ministério da Cultura (2005), como madeiras verticais e horizontais fixados no chão e vedadas com barro. Porém, a construção associada à técnica descrita por Handa se diferencia dessa definição, mostrando-se mais rústica e primitiva, assemelhando-se à descrição de Weimer (2012, p. 88), na qual o termo pau-a-pique “deveria ser empregado para qualificar um estaqueado de galhos verticais fincados no solo e fixado na extremidade superior, sem nenhum tipo de vedação das frestas”.

Figura 1: Moradias japonesas



Esq.: Moradia vernacular feita de madeira da época da exploração do interior paulista (barracão).

Fonte: Takeshita, 1933.

Dir.: Moradia em madeira após sucesso na colheita.

Fonte: Nagata, 1921.

De acordo com Handa (1987), a moradia geralmente era renovada mais duas vezes. Inicialmente, o barracão era rebocado com barro, mas existem relatos da mudança para uma segunda residência ainda edificada em madeira e com chão de terra batida, de modo simples, quase como “a repetição do estilo colonial das fazendas de café (Handa, 1987, p. 238)”. Posteriormente, com o vingar das colheitas, os imigrantes japoneses poderiam se mudar para uma casa de construção aprimorada, feita de tijolos, com assoalho de madeira e cobertura de telha francesa, ou para uma casa encomendada a um marceneiro (Figura 1).

A partir dessas construções, é possível notar a transposição de elementos tipicamente japoneses para o cenário nacional, notada, principalmente, pelo telhado em estilo *irimoya* — mescla de telhado em quatro águas com telhado em duas águas, muito utilizado na arquitetura tradicional japonesa, incluindo-se os templos — que possibilitava a circulação de ar internamente por meio dos frontões. No entanto, muitas habitações não apresentavam elementos vazados que possibilitassem a ventilação, como se observa na Figura 1, o que pode evidenciar uma falta de conhecimento técnico por parte dos imigrantes, que se valiam do telhado apenas como um símbolo de niponicidade. Essas construções constituíram as primeiras experiências arquitetônicas dos Nikkei em solo nacional, sendo perceptível a contribuição, mesmo que de forma indireta, de construções brasileiras e da recuperação de uma identidade japonesa, conformando um modo próprio que repercutiria em edificações posteriores.

Com o estabelecimento dos núcleos coloniais, outras construções foram erigidas, como as associações culturais e as escolas de japonês, que tinham um valor peculiar para os imigrantes que prezavam pela educação de seus filhos. De acordo com Kaori Kodama e Célia Sakurai (2008), essas instituições ao mesmo tempo em que foram muito importantes para a manutenção de uma identidade e dos padrões culturais dos Nikkei frente às adversidades enfrentadas, também causaram tensões junto à elite paulistana. Ainda assim, era notória na paisagem na qual se estabelecia a comunidade japonesa a

falta de edificações budistas, tendo em vista que quase metade dos japoneses e seus descendentes no Brasil ainda se consideravam budistas nos anos 50 (Maeyama, 1973b).

Desde o início da imigração, recomendações do governo japonês e comunicações em jornais alertavam sobre os cuidados com as práticas budistas em território nacional, visando diminuir o sentimento antijaponês da sociedade brasileira, e incentivando a assimilação dos Nikkei à cultura e, conseqüentemente, à religião do Brasil (Maeyama, 1973a). Deste modo, o Budismo, tradição religiosa muito importante da cultura nipônica, foi praticada informalmente e em âmbito domiciliar durante anos, sendo que a construção da primeira edificação budista, ainda em teor provisório, se deu apenas a partir dos anos 30, e que os templos institucionalizados e reconhecidos pela matriz japonesa foram majoritariamente erigidos somente na década de 50.

3. PRÁTICAS INFORMAIS

Sem um local para culto institucionalizado e enfrentando movimentos do tipo "perigo amarelo", os imigrantes japoneses adaptaram sua prática religiosa na primeira metade do século XX ao âmbito informal e doméstico, baseada no culto aos antepassados e nas práticas funerárias.

O culto aos antepassados é a prática mais comum entre os budistas japoneses. De forma breve, é possível entendê-lo como um rito praticado pelo primogênito de uma família, por ser ele o sucessor legal do *ie* (家 - núcleo familiar, casa ou lar), conceito em relação ao qual os antepassados são inseparáveis (Maeyama, 1973a). Portanto, os serviços religiosos ficam reservados ao primeiro filho de um casal, não tendo os demais filhos quaisquer obrigação sagrada até que formem uma nova família — se casem — e herdem um novo *ie*.

No caso da imigração ao Brasil, vieram majoritariamente os segundos ou terceiros filhos, não havendo assim qualquer responsabilidade com a manutenção dos ritos budistas, uma vez que seus irmãos mais velhos permaneciam no Japão, a cargo dos deveres religiosos, o que impactou diretamente no desenvolvimento do Budismo no país. Conforme relata Maeyama (1973a), o culto aos antepassados só começou a ser praticado em território nacional com a morte dos primeiros imigrantes japoneses.

Em seu livro *O Imigrante Japonês: História de Sua Vida no Brasil*, de 1987, Handa descreve como se originaram os funerais entre os Nikkei, como se desenvolveram e, conseqüentemente, como se deu o culto aos antepassados. Na época do trabalho nas fazendas de café, sabe-se que "o funeral era comandado pelos chefes das famílias japonesas e pelos colonos brasileiros da vizinhança. O caixão era posto na carroça e levado até o portão do cemitério da cidade, onde entrava carregado por todos (Handa, 1987, p. 105)."

Já nos núcleos coloniais, é notado a obtenção de valores budistas, através de símbolos e cerimônias adaptadas ao contexto nacional, com rezas budistas entoadas por leigos, devido à falta de líderes religiosos.

Como não existisse o *sotoba*², usava-se em seu lugar uma cruz, cristã mesmo, em madeira branca, e nela se inscreviam rezas budistas. [...] Fincava-se, então, a cruz na porção traseira da sepultura, assim como se depositava uma coroa de flores: à moda brasileira, as coroas de flores da época eram trabalhadas em lata e depois pintadas, com tinta de parede. Na parte da frente, acendiam-se velas e queimava-se incenso e, novamente, entoavam-se rezas budistas. Em seguida, alguém representando a família ou um amigo do falecido, dirigia algumas palavras de agradecimento aos presentes e, assim, estava terminada a cerimônia de sepultamento (Handa, 1987, p. 483).

Após os sepultamentos, retornavam à casa do falecido onde prestavam louvor à sua memória em frente ao *butsudan* — altar budista doméstico — onde se realizavam os ritos aos antepassados (Handa, 1987, p. 483). O *butsudan* é o centro do culto familiar, sendo uma importante ferramenta de comunicação com o mundo da vida após a morte (Rambelli, 2010, p. 63). Devido à falta de recursos característica dos primeiros tempos da imigração, os altares domésticos foram feitos de forma improvisada, com caixotes de madeira (Handa, 1987, p. 730) e apenas após a morte de um japonês no Brasil, pois, conforme já foi informado, os imigrantes não tinham obrigações familiares e por isso não trouxeram esses objetos ao país. Com a prosperidade das atividades nos núcleos coloniais, os oratórios começaram a ser encomendados a marceneiros, permanecendo como uma marca do Budismo em muitas famílias Nikkei.

O rito aos ancestrais era composto também por ofícios — missas budistas — do sétimo e do quadragésimo-nono dia, mesmo sem a existência de um espaço físico próprio para tal, sendo satisfatória a mera visita à sepultura (Handa, 1987, p. 484). Essa prática ainda existente em escolas budistas, é composta também por ofícios em anos subsequentes, havendo cerimônias póstumas de até 100 anos.

Os sepultamentos eram realizados em cemitérios brasileiros, sendo o Cemitério Japonês de Álvares Machado (Figura 2), o único japonês da América Latina. Em virtude da dificuldade de transporte dos corpos até Presidente Prudente, o Sr. Ogassawara oficializou o cemitério na primeira cidade para uso dos Nikkei. Esse teria funcionado até 1942, quando foram proibidos os sepultamentos pelo então presidente Getúlio Vargas, com a justificativa de discriminação racial (Bomtempo, 2003), ainda que Rosatti (2015, p. 12) defenda que o cemitério não era de uso exclusivo dos imigrantes, havendo um não descendente enterrado³. Por demonstrar a integração de novas etnias ao conceito

² Tabuleta ou estaca de madeira com inscrições sânscritas colocada em cemitérios budistas.

³ Após a construção do Cemitério Japonês, foi erigido um cemitério municipal em Álvares Machado, no qual, os não japoneses eram naturalmente sepultados. Isso, aliado ao fato de japoneses de outras localidades levarem seus falecidos para o Cemitério Japonês, criou esse mito de uso exclusivo (Rossati, 2015).

de cultura e memória nacional, o cemitério foi tombado pelo CONDEPHAAT em 1980 (Nascimento, 2005), sendo esse o único bem budista tombado no estado de São Paulo.

Figura 2: Cemitério Japonês de Álvares Machado



Esq.: Entrada do cemitério de Álvares Machado.

Fonte: Handa, 1987, p. 485.

Dir.: Capela budista do cemitério.

Fonte: Rossati, 2015.

O cemitério de Álvares Machado conta com uma capela budista feita em madeira, ao mesmo modo das primeiras moradias dos imigrantes. Apesar da ausência de ornamentos e elementos que remetam a uma arquitetura sagrada e budista, a construção possui o típico telhado *irimoya*, que confere a ela o seu valor arquitetônico.

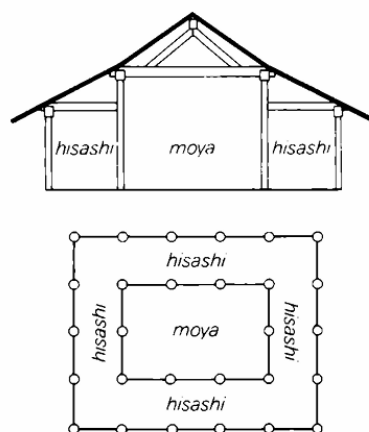
O cemitério de Registro, apesar de não ser japonês, é de grande importância para a comunidade. Além da coexistência de túmulos cristãos e budistas, ele também conta com uma capela, que do exterior apresenta características do catolicismo vigente na sociedade brasileira, com a presença de cruzes e outros ornamentos peculiares, enquanto que seu interior reflete o Budismo dos imigrantes (Baldus e Willems, 1941, p.131–133). Essa solução é a resultante do “respeito e do comedimento” diante da hegemonia cristã e do nacionalismo brasileiro, com manifestações tímidas das seitas budistas, mas com uma grande atuação de igrejas católicas e protestantes nas colônias japonesas (Takenaka, 2003, p. 95-96).

Tanto nas expressões domésticas da religião quanto nos seus exercícios mortuários, foi perceptível a incorporação de elementos católicos e/ou brasileiros. Esse sincretismo, observado desde os primeiros anos, é resultante de uma adaptação dos costumes japoneses a uma realidade completamente diferente e com influência da convivência direta com nativos — aliada à falta de incentivo de manifestações budistas e à forte recomendação de conversão. Substituições, como a vela no lugar do incenso ou as cruzes no lugar das *sotoba*, aproximavam os japoneses dos preceitos cristãos, resultando em uma combinação que segue até os dias atuais com a utilização da imagem da Virgem Maria e do terço junto ao *butsudan*. Richard Gonçalves André (2010, p.94) interpreta esse fenômeno como uma forma de “conversão”, uma apropriação dos ideais e símbolos católicos e não um completo abandono do Budismo.

4. ESPAÇOS RELIGIOSOS

Com a criação dos primeiros núcleos coloniais nas cidades do interior do estado, se viu a necessidade por parte dos Nikkei da edificação de locais específicos e próprios para a prática religiosa, para além dos altares domésticos e dos cemitérios. Inicialmente, buscando a assimilação e a diminuição de barreiras entre brasileiros e imigrantes, foram construídas igrejas católicas em algumas colônias, sendo as mais expressivas as duas da colônia de Registro, tombadas em 2009 e 2013 pelo IPHAN.

Figura 3: Igreja Episcopal de Todos os Santos



Esq.: Fachada da Igreja Episcopal de Todos os Santos com elementos budistas e católicos.

Fonte: Nascimento e Scifoni, 2016, p. 45.

Dir.: Croqui da espacialidade da igreja.

Fonte: Nishi e Hozumi, 1996, p.13.

A construção da Igreja Episcopal de Todos os Santos, em 1929, e da Igreja de São Francisco de Assis, em 1933, foram uma iniciativa da empresa migratória *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha* (KKKK), responsável pelo processo migratório e pela urbanização da colônia (Nascimento e Scifoni, 2016). Os japoneses tiveram participação direta no auxílio financeiro e na construção dos espaços religiosos. Para Koichi Mori (1992, p. 570), a ereção das igrejas representava mais a vontade dos imigrantes de se adaptarem do que uma conversão propriamente dita, sendo, do ponto de vista psicológico, o mesmo que ter construído um templo budista. Os argumentos de Mori podem ser validados ao se observar a arquitetura da Igreja Episcopal de Todos os Santos (Figura 3), que claramente apresenta elementos típicos de um templo, como o telhado *irimoya*, com a leve inclinação em suas pontas e a configuração espacial em *moya* (interior do edifício) e *hisashi* (vão que circunda o *moya*), além de sua estruturação em madeira.

Nos outros núcleos coloniais, os encontros budistas ainda aconteciam, mas de modo privado, nas residências dos Nikkei. No pós-guerra, era necessário obter permissão para sair dos espaços religiosos e ir à casa dos fiéis, de modo que os cultos residenciais eram realizados às escondidas, já que se proibiu a aglomeração de mais de três japoneses num mesmo lugar.

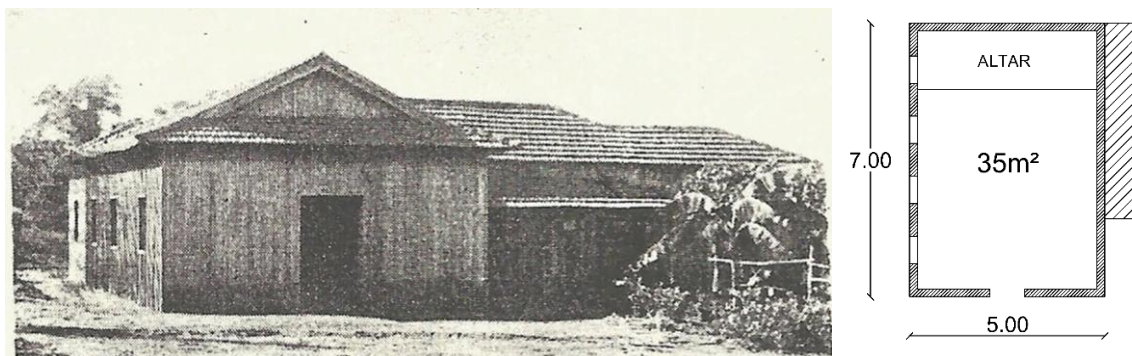
Ainda durante a guerra, os poucos líderes religiosos budistas que havia no Brasil, bem como seus seguidores, sofreram com a repressão policial e popular em virtude de seu credo ou etnia, sendo comum batidas e intervenções policiais durante os cultos. O sacerdote Ibaragui foi detido pela polícia em Lins por falar em japonês durante seus ofícios, por desobediência à proibição de se conversar em língua japonesa em público. O sacerdote Seiko Jinbo foi interrompido durante um culto por um brasileiro que proibiu a continuação das orações, espancando-o na cabeça com um pedaço de madeira. E, em 1942, um fiel chamado Yoshitsugu Yamauti foi morto por um brasileiro por seu proselitismo religioso (Nakamaki, 2002, p. 90).

4.1 NÚCLEO DE CULTOS DA COLÔNIA HIRANO

Em 1933, no núcleo colonial Hirano — atual Cafelândia —, um grupo passou a organizar reuniões para ouvir pregações budistas, convidando o monge Sukeichi Ito, de uma comunidade vizinha. No ano seguinte, foi constituído um núcleo de cultos na colônia, sendo esta a primeira edificação budista no Brasil.

O núcleo de cultos da colônia Hirano foi inaugurado em 27 de novembro de 1934, feito em madeira e com apenas 35 m² — 5 m X 7 m (Nakamaki, 2002, p. 89). Quanto à sua arquitetura, é possível notar uma semelhança com as segundas residências dos Nikkei, tanto em forma quanto na solução construtiva, sendo um desenvolvimento das primeiras experiências construtivas aperfeiçoadas com o contato com brasileiros, uma adaptação à realidade brasileira que contou com o auxílio dos marceneiros japoneses. Na Figura 4 é possível notar o telhado *irimoya*, também presente nas casas e igrejas católicas dos imigrantes. Além desse atributo, o núcleo não apresenta nenhuma solução tipicamente japonesa ou que remeta ao Budismo.

Figura 4: Núcleo de cultos da colônia Hirano



Esq.: Primeiro núcleo de cultos budista do Brasil construído em madeira e com o típico telhado *irimoya*.

Fonte: Wanderley Colmati (Acervo pessoal).

Dir.: Croqui esquemático do núcleo de cultos Hirano segundo bibliografias e iconografias.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Esta construção é considerada o “primeiro templo” no Brasil, o Templo Budista Shinshu (atualmente chamado de Komyoji), no entanto, a produção acadêmica difere quanto ao status da edificação. Enquanto Hirotsuka Nakamaki (2002, p. 89) a considera um núcleo de cultos, Regina Matsue (2002, p. 194) a considera um templo. André (2022, p. 358)

evidencia que essa diferença é importante, uma vez que o status de templo demanda reconhecimento internacional da escola para tal, o que ocorreu no Brasil apenas na década de 50 – com exceção da escola *Honmon Butsuryu Shū*, da qual se tratará adiante.

Neste trabalho, a edificação é considerada um núcleo de cultos pelos seguintes motivos: (1) apesar de Nakamaki (2002, p. 89) afirmar que as reuniões eram patrocinadas pela escola budista *Jōdo Shinshū*⁴, ainda assim a trata como núcleo de cultos; (2) André (2022, p. 358) encontrou dificuldades de determinar a qual ramo da escola (*Honpa* ou *Ōtani*) ela pertenceria, indicando a falta de documentação oficial e a divergência das informações orais; (3) nos anos 50 a edificação foi reconstruída no mesmo local, com partes em madeira, com maior porte e soluções construtivas tradicionais de um templo budista, diferentemente da construção anterior (Figura 4), simples em forma e muito semelhante aos outros núcleos construídos na época, o que pode evidenciar a falta de suporte financeiro por parte da matriz japonesa nos anos 30. Ainda assim, é possível ouvir até os dias atuais os descendentes a chamarem de *otera* (お寺) – templo em japonês –, provavelmente por um apego simbólico a essa construção que finalmente materializava a religião budista no país.

4.2 NÚCLEO DE CULTOS DA COLÔNIA UNIÃO

Outro núcleo de culto importante é o que se construiu na colônia União (Figura 5), atual cidade de Guaíçara. Encabeçado pelo sacerdote Ibaragui – responsável pela introdução da escola budista japonesa *Honmon Butsuryu Shū* (HBS)⁵ no Brasil – e com doação do terreno feita pelo Sr. Matsubara, o centro foi inaugurado em 1936, com uma área de 72 m², e também construído em madeira. Segundo relatos do Sr. Matsubara, no ano seguinte à inauguração, ele aproveitou uma viagem ao Japão para solicitar a elevação do núcleo de cultos a templo, recebendo na ocasião a denominação “Filial Brasileira Taissen” (Nakamaki, 2002, p. 86). Com isto, ele se tornou oficialmente o primeiro templo budista de São Paulo e a HBS a primeira e única escola budista a ser reconhecida e institucionalizada pela matriz japonesa na década de 30. A partir dessa construção, a HBS inaugurou diversos núcleos de culto no interior de São Paulo nos anos posteriores, todos com atributos muito semelhantes entre si.

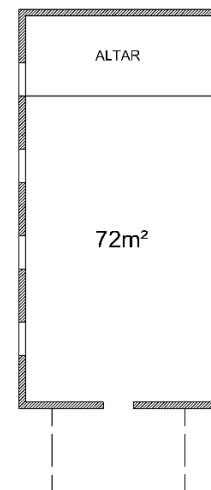
Feitos em madeira, de caráter provisório e com arquitetura diminuta, os núcleos de cultos se caracterizam pelo desenvolvimento apenas do salão principal – *hondo* (本堂), em uma equivalência com o japonês – excluindo-se pagodes, moradias para os líderes religiosos ou salões para festividades. Isso pode ter se dado pela necessidade de um

⁴ Uma das maiores e mais influentes escolas budistas do Japão. Se divide em dois ramos, *Honpa* e *Ōtani*, que se responsabilizam por diferentes edificações religiosas.

⁵ Também conhecida como Budismo Primordial, é uma escola budista que enfatiza a devoção ao Sutra de Lótus.

ambiente exclusivo para os ofícios e encontros religiosos e pelas limitações financeiras, técnicas, políticas e sociais da época, o que acabava por excluir espaços adjacentes. Outra característica perceptível é a falta de desenhos técnicos e registros de seus construtores, arquitetos e engenheiros — havendo apenas registros de alguns fundadores e doadores —, o que pode ser devido à perda ao longo do tempo, às peculiaridades das transmissões orais, ou pela simples inexistência, levando em consideração o teor provisório e vernacular das edificações.

Figura 5: Núcleo de cultos da colônia União



Esq.: Inauguração do núcleo de cultos da colônia União.

Fonte: Revista Lotus, 2007, p. 28.

Dir.: Croqui esquemático do núcleo de cultos União segundo bibliografias e iconografias.

Fonte: Elaborada pelo autor.

A falta de registros escritos sobre as construções religiosas dos imigrantes japoneses foi reconhecida por Handa: “a maior dificuldade que senti, ao escrever a presente história da imigração japonesa no Brasil, foi com relação ao seu aspecto religioso (Handa, 1987, p. 725)”. No entanto, levando em conta as construções residenciais e as histórias orais contadas pelos monges dos atuais templos, é possível esboçar um panorama da construção dessas edificações. Em suma: a mão de obra era uma mescla de japoneses e brasileiros das vizinhanças; os marceneiros e carpinteiros eram trabalhadores qualificados japoneses vindos desde o primeiro navio procedente do Japão; os terrenos e a ajuda monetária eram doações dos próprios fiéis; as construções mesclavam características ensinados aos japoneses por brasileiros, com símbolos tradicionais de sua religião e terra-mãe, ainda que de forma simplória ou sutil.

5. BUDISMO INSTITUCIONALIZADO

Após a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente na década de 50, os templos budistas começaram a ser construídos de forma oficial e reconhecida pelas matrizes japonesas de suas escolas. Portanto, as construções vernaculares de madeira anteriormente erigidas deram lugar a edificações formais, com o exercício de arquitetos e engenheiros — em grande parte descendentes — e com a implementação de técnicas tipicamente brasileiras que foram adquiridas pelos Nikkei nesse período de 20 anos.

Ainda assim, é perceptível a importância de tais edificações para a nova fase dos templos no país, seja pela experiência prévia na adaptação arquitetônica, seja pela aquisição de conhecimentos pela troca com brasileiros.

Grande parte dos templos passaram a ser construídos em alvenaria, com exceção do altar, ainda constituído em madeira e projetado por marceneiros japoneses, como Narisada e Fugimoto, tal como informado pelos atuais monges dos templos da capital paulista. Assim como na construção provisória, a mão-de-obra era uma mistura de tradição brasileira com Nikkei, mas sua organização espacial – como *moya* e *hisashi*, citados previamente – e detalhes técnicos oriundos da arquitetura tradicional japonesa. Essas construções recuperaram simbolismos do Budismo, dando ao espaço maior valor religioso e cultural.

Contudo, em Cafelândia, no mesmo lugar onde se situava o núcleo de cultos, foi erguido o atual templo, com área maior e construído majoritariamente em madeira, utilizando a tradicional técnica de encaixes da carpintaria japonesa, que não usa pregos ou outros metais. Segundo Handa (1987, p. 730), a edificação causou grande alegria aos imigrantes mais idosos, que então diziam: "Agora, podemos ter o prazer de pagar visitas a um templo, mesmo estando no Brasil", o que evidencia a tristeza que sempre sentiram por terem vivido em um país sem templos budistas. O relato também demonstra a consciência, por parte dos fiéis, de que o núcleo de cultos era uma estrutura provisória e sem prestígio religioso oficial.

13

6. AGRADECIMENTO

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro por meio da Bolsa de Mestrado do autor Vinicius Lima Oliveira (processo nº 88887.245942/2026-00).

7. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Richard Gonçalves. Silenciosos diálogos: religião, apropriação e cultos privados entre imigrantes japoneses no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 8, 11. 2010.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. The Rivers of Dharma in the Face of Religious Challenges: A Comparative Analysis of Three Japanese Buddhist Temples in Brazil. **International Journal of Latin American Religions**, v. 6, n. 2, p. 347–374, 13 maio 2022.

BALDUS, Herbert; WILLEMS, Emilio. Casas e túmulos de japoneses no Vale do Ribeira de Iguape. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v. LXXVII, 1941.

BOMTEMPO, Denise Cristina. **Os sonhos da migração**: um estudo dos japoneses e seus descendentes no município de Álvares Machado – SP. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, 2003.

BRASIL. Ministério da Cultura. Programa Monumenta. **Cadernos de encargos**. Brasília: Ministério da Cultura, Programa Monumenta, 2005. 420 p. (Programa Monumenta: cadernos técnicos, 2).

GONÇALVES, Rogério Bessa. **Arquitetura dos imigrantes japoneses em Registro**. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês**: A história de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

HARADA, Kiyoshi. O processo de evolução e de integração dos nikkeis. In HARADA, Kiyoshi (Cord.). **O Nikkei no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Vox Gráfica, 2023.

HIJIOKA, Akemi. **Minka** - Casa dos imigrantes japoneses no Vale do Ribeira. Tese (doutorado) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.

KODAMA, Kaori; SAKURAI, Célia. Episódios da imigração: um balanço de 100 anos. Vivendo no Brasil: características da população de origem japonesa. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Resistência & integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 210 p.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é arquitetura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2014. 80 p.

Lotus Revista Budista. ano 8, n. 92, 2007.

MAEYAMA, Takashi. O antepassado. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (Org.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 1973a. 558 p.

MAEYAMA, Takashi. Religião, parentesco e as classes médias dos japoneses no Brasil urbano. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (Org.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 1973b. 558 p.

MATSUE, Regina Yoshie. O Budismo da Terra Pura em Brasília. In: USARSKI, Frank. (ed.). **O Budismo no Brasil**. São Paulo: Editora Lorosae, 2002.

MORI, Koichi. Vida religiosa dos japoneses e seus descendentes residentes no Brasil e religiões de origem japonesa. In: COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. **Uma epopéia moderna**. 80 anos da imigração japonesa. São Paulo: Hucitec; Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

NAGATA, Shigeshi. **Álbum de fotografias da colônia japonesa na América do Sul**. Nippon Rikkoukai, 1921.

NAKAMAKI, Hirochika. A Honmon-Butsuryu-shu no Brasil: através de registros do arcebispo Nissui Ibaragui. In: USARSKI, Frank. (ed.). **O Budismo no Brasil**. São Paulo: Editora Lorosae, 2002.

NASCIMENTO, Flavia Brito do; SCIFONI, Simone. Paisagem cultural: trabalho e cotidiano da imigração japonesa no Vale do Ribeira/São Paulo. **Identidades**: território, cultura, patrimônio, n. 6, 2016.

NASCIMENTO, Rodrigo Modesto. O tombamento do patrimônio no Oeste Paulista. In: XXIII Simpósio Nacional de História (UEL), 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**. Londrina, 2005.

NISHI, Kasuo; HOZUMI, Kasuo. **What is Japanese Architecture?: A Survey of Traditional Japanese Architecture**. Tokyo; London: Kodansha International, 1985.

RAMBELLI, Fábio. Home Buddhas: Historical Processes and Modes of Representation of the Sacred in the Japanese Buddhist Family Altar (Butsudan). **Japanese Religions**, v. 35 (1 & 2), p. 63-86, 2010.

ROSATTI, Fabrizio Lucas. **Requalificação de um Bem Histórico**: O Cemitério Japonês de Álvares Machado - SP. 2015. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015.

TAKENAKA, Edilene Mayumi Murashita. **Raízes de um povo**: a colônia japonesa de Álvares Machado-SP. 2003. 165 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2003.

TAKESHITA. **As atividades da colônia japonesa**. Taisho Shashim Kougeisha, 1933.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

YOSHIOKA, Reimei. Síntese histórico-evolutiva da emigração japonesa no mundo. In HARADA, Kiyoshi (Cord.). **O Nikkei no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Vox Gráfica, 2023.